

4

Alguns resultados experimentais

“A linguagem começa com o silêncio e termina com o silêncio. Não há linguagem sem silêncio.”
(Anônimo)

Neste capítulo, apresentaremos resultados de um experimento realizado com construções com *sluicing*. Este consiste em uma tarefa de julgamento de gramaticalidade e busca investigar a hipótese de que o fenômeno de *sluicing* com preposição enclachada é função da possibilidade de relativas cortadoras na língua, ou seja, a aceitabilidade de uma implicaria a aceitabilidade da outra, conforme previsto por Rodrigues et al. (2009). Portanto, essa hipótese faz a seguinte previsão: em português brasileiro, enclachamento de preposição em contexto de *sluicing* é dependente da aceitação de estruturas que licenciam relativas cortadoras, ou seja, a aceitabilidade de (114) está condicionada à aceitabilidade de (115).

(114) O João dançou com alguém, mas eu não sei quem

(115) A Maria é a pessoa que o João dançou

Nossa decisão por realizar uma investigação experimental está relacionada à disputa sobre a origem estrutural do enclachamento de preposição no *sluicing* do português brasileiro (Almeida & Yoshida, 2007; Rodrigues et al., 2009), mencionada no capítulo 3 da presente dissertação. Parte também da observação, com base em elicitación informal de dados, de que, dentro do mesmo idioleto, a aceitabilidade de *sluicing* com apagamento de preposição está correlacionada à aceitabilidade de relativas cortadoras. Essa elicitación consistiu em julgar sentenças utilizando uma escala binária (*você considera a sentença X boa ou ruim?*) e os resultados apontaram para uma variação dialetal nos julgamentos, ou seja, algumas pessoas aceitavam o enclachamento da preposição no *sluicing*, enquanto outras não. Assim, por não dispor de uma testagem controlada, nem de um tratamento estatístico desses dados, julgamos adequada a realização de um experimento, utilizando a meto-

dologia da psicolinguística, de maneira a observar de forma homogênea e livre de variáveis externas, a consistência e a significância estatística dos resultados coletados informalmente.

4.1

Testando a hipótese de *pseudosluicing*

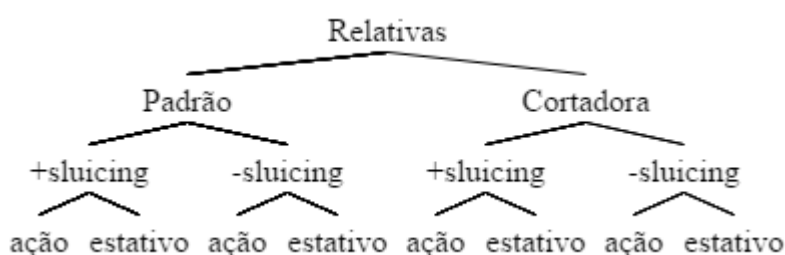
Neste experimento, adultos falantes de PB foram solicitados a emitir julgamento intuitivo a respeito da gramaticalidade de algumas sentenças. O objetivo geral deste experimento foi verificar se, no PB, o encalhamento da preposição no *sluicing* e o apagamento da preposição de dentro de orações relativas estão relacionados.

4.1.1

Design

Tomamos como variáveis independentes: o *tipo de oração relativa* (padrão vs. cortadora); *ocorrência de sluicing* (com e sem); *tipo de verbo* (ação vs. estativo). Obtivemos, portanto, um *design* fatorial 2x2x2, em que *tipo de relativa* é um fator grupal e as demais variáveis, medidas repetidas, conforme mostra o esquema em (116).

(116)



A escolha do *tipo de relativa* como variável independente se deveu ao fato de que nossa hipótese de trabalho entende ser o *sluicing* no português brasileiro um caso de *pseudosluicing*, em que a estrutura apagada é uma estrutura clivada, composta por um elemento –QU central, um verbo de cópula e uma expressão nominal determinante contendo uma oração relativa. Por essa razão, a utilização de sentenças relativas na pesquisa experimental era de suma importância, uma vez que buscávamos testar a aplicabilidade da hipótese proposta. Já o uso da *ocorrên-*

cia de sluicing e *tipo de verbo* como variáveis independentes teve como objetivo apresentar variações de uma mesma estrutura, no caso da *ocorrência de sluicing*, e itens lexicais diversificados, no caso do *tipo de verbo*.

Como variável dependente, tomamos o valor decorrente do julgamento de gramaticalidade das sentenças, em uma escala de 1 a 3 (do menos para o mais aceitável). Optamos aqui por não utilizar uma escala binária, de onde pudéssemos obter respostas *sim* ou *não* para perguntas do tipo *você considera boa a sentença X?*, uma vez que consideramos esse tipo de escala um tanto quanto limitadora. Isso porque esse tipo de escala não permite que os participantes expressem todos os graus de aceitabilidade das sentenças, forçando-os a serem taxativos e limitados em suas respostas, quando diante de sentenças que poderiam ser consideradas como marginalmente aceitáveis, por exemplo, se se fizesse uso de uma escala que contemplasse as gradações de aceitabilidade das sentenças (Rodrigues, 2010). Além disso, ao fazer uso de uma escala binária, o experimentador acredita ter acesso à competência do falante, quando, na verdade, o que se está acessando é seu desempenho (Chomsky, 1986; Schütze, 1996). Isso causa uma supervalorização dos julgamentos dos falantes por parte do experimentador, na medida em que este assume serem esses julgamentos espelhos da gramática (Rodrigues, 2010). Por essa razão, preferimos utilizar, em nosso experimento, uma escala que possibilitasse ao informante estar livre para emitir as gradações de aceitabilidade em seus julgamentos.

A partir do *design* fatorial, obtivemos 8 condições experimentais:

- (1) Relativa padrão, sem *sluicing*, com verbo de ação;
- (2) Relativa padrão, sem *sluicing* com verbo estativo;
- (3) Relativa cortadora, sem *sluicing*, com verbo de ação;
- (4) Relativa cortadora, sem *sluicing*, com verbo estativo;
- (5) Relativa padrão, com *sluicing*, com verbo de ação;
- (6) Relativa padrão, com *sluicing*, com verbo estativo;
- (7) Relativa cortadora, com *sluicing*, com verbo de ação;
- (8) Relativa cortadora, com *sluicing*, com verbo estativo.

Para cada condição foram elaborados 4 estímulos experimentais, resultando num total de 32 sentenças-alvo. É importante destacar que todas as sentenças

que compunham o experimento eram da mesma natureza, ou seja, todos os estímulos experimentais continham sentenças relativas. Isso foi feito para que variáveis externas não interferissem nos resultados. Abaixo, apresentamos alguns exemplos dos estímulos experimentais para cada condição:

Condição 1: Relativa Padrão/Sem *sluicing*/Verbo de ação

(117) A Maria brigou com um colega de trabalho, mas eu não vi o colega com quem ela brigou

Condição 2: Relativa Padrão/Sem *sluicing*/Verbo estativo

(118) A Joana está com um rapaz da empresa, mas eu não conheço o rapaz com quem ela está

Condição 3: Relativa Cortadora/Sem *sluicing*/Verbo de ação

(119) A Ana dançou com um amigo de infância, mas eu não reconheci o amigo que ela dançou

Condição 4: Relativa Cortadora/Sem *sluicing*/Verbo estativo

(120) O João sabe de algum problema da Carla, mas eu não sei que problema ele sabe

Condição 5: Relativa Padrão/Com *sluicing*/Verbo de ação

(121) A Carla concordou com alguma professora da nossa turma, mas eu não sei com quem

Condição 6: Relativa Padrão/Com *sluicing*/Verbo estativo

(122) A Maria parece com alguma atriz de teatro, mas eu não lembro com quem

Condição 7: Relativa Cortadora/Com *sluicing*/Verbo de ação

(123) O Leandro sonhou com alguma atriz da Globo, mas eu não sei quem

Condição 8: Relativa Cortadora/Com *sluicing*/Verbo estativo

(124) A Joana sabe de alguém que trabalha no governo, mas eu não lembro quem

As 32 sentenças-alvo variavam apenas quanto ao *tipo de relativa* (padrão e cortadora), de modo que um grupo de participantes foi apresentado apenas à condição padrão, que continha 16 sentenças, e outro, à condição cortadora, que conti-

nha, igualmente, 16 sentenças. As demais variáveis, a saber, *ocorrência de sluicing* e *tipo de verbo* estavam igualmente contempladas nos dois grupos.

Para compor o experimento, elaboramos, ainda, 33 distratoras, de natureza estrutural e lexical variada, que continham erros passíveis de serem produzidos por falantes não nativos do PB³⁰ (ex. sentenças com elemento –QU, orações coordenadas, sentenças com adjunção, erros de concordância, etc.). Essas sentenças eram as mesmas para os dois grupos.

Dado que, de acordo com a metodologia experimental, o número de sentenças distratoras deve aproximar-se do dobro de sentenças-alvo, o experimento realizado deveria conter não 33, mas 64 distratoras. Com isso, o experimento ficaria consideravelmente extenso, contendo 96 sentenças no total. Consideramos que 65 sentenças (32 sentenças-alvo mais 33 distratoras) já era um número bastante expressivo, que poderia interferir no resultado final do experimento, já que falantes tendem a diminuir a atenção dada a tarefas experimentais, quando cansados do estímulo recebido. Assim sendo, achamos adequado utilizar a variável *tipo de relativa* como fator grupal, que foi uma decisão decorrente do tamanho do experimento.

Desta forma, cada grupo era composto por 16 sentenças-alvo mais 33 distratoras, resultando num total de 49 sentenças para cada grupo. Essas sentenças foram aleatorizadas no *Excel*, de tal modo que tanto as sentenças-alvo quanto as distratoras encontravam-se mescladas.

Abaixo, apresentamos alguns exemplos das sentenças distratoras que utilizamos:

(125) A Maria trouxe o computador hoje para mim trabalhar

(126) Que filme de horror você não se lembra quem não viu?

(127) O João passeou o cachorro no calçadão de Ipanema

³⁰ Algumas distratoras foram sentenças realmente produzidas por um falante não nativo de PB.

4.1.2 Método

Participantes

Participaram do experimento 8 sujeitos, voluntários, estudantes universitários da graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que foram divididos em dois grupos de 9. A idade média dos participantes era de 23 anos. Em troca da participação no experimento, foram concedidas aos participantes horas de atividades complementares, requisito necessário à formação.

Material

Lista de sentenças preparadas em *slides*, para apresentação no *PowerPoint*. As sentenças eram exibidas aleatoriamente e as respostas dos participantes eram registradas em uma folha de papel pelo experimentador.

Procedimento e tarefa

Em uma cabine do Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem (LAPAL) da PUC-Rio, os participantes foram apresentados a um conjunto de 49 sentenças, estando incluídas aqui as 16 sentenças-alvo e as 33 distratoras. Essas sentenças foram divididas em 2 blocos e um pequeno vídeo foi exibido entre eles. Esse vídeo tinha duração de 1 minuto e 44 segundos e consistia em uma animação cômica sobre como animais viveriam na selva caso fossem obesos³¹. A escolha pela exibição de um vídeo cômico entre os blocos foi feita com o fim de desviar brevemente a atenção dos participantes sobre o experimento. Com isso, pretendíamos não sobrecarregar o participante, para que o cansaço não interferisse nos resultados.

Os falantes foram apresentados ao experimento, recebendo a instrução de que iriam julgar sentenças produzidas por falantes nativos e por falantes não nativos de português brasileiro. A tarefa solicitada aos participantes, portanto, era que julgassem intuitivamente o quanto as sentenças apresentadas poderiam ser faladas

³¹ O vídeo foi produzido por estudantes da Academia de Cinema Baden-Wuerttemberg com a finalidade de participar do Festival Internacional de Cinema de Animação de Stuttgart (ITF), realizado em 2013. O vídeo mostra como a execução de algumas situações típicas pelas quais animais selvagens passam, como caçar, dormir e comer, seria difícil, caso esses animais fossem obesos. (Disponível em: www.youtube.com/watch?v=4Q5RA5DitqY. Acesso em 25 de junho de 2013).

por um falante nativo do PB, dentre sentenças passíveis de serem produzidas por falantes não nativos, numa escala de julgamento de 1 a 3, em que 1 representava uma sentença ruim, 2, uma sentença mediana, e 3, uma sentença boa. Essa estratégia foi utilizada com o fim de minimizar os julgamentos baseados em regras da gramática tradicional. Isso porque a existência de relativas cortadores na língua em questão é tida como marca de fala não padrão.

Antes que as sentenças-alvo fossem introduzidas, houve apresentação de um pré-teste que continha 3 sentenças da mesma natureza que as sentenças experimentais, cujo objetivo era treinar o participante no procedimento de julgamento de gramaticalidade na escala proposta. A seção experimental teve duração de aproximadamente 20 minutos.

Abaixo, apresentamos as sentenças utilizadas no pré-teste:

(128) O Carlos não quer ir ao shopping, mas a Ana quer

(129) Vocês preferem de ir a Buenos Aires ou a Santiago do Chile?

(130) Os meninos podem ir, mas as meninas não

4.1.3 Resultados

Os dados foram analisados por meio de ANOVA com medidas repetidas. Dois fatores acarretaram efeitos principais significativos: *Ocorrência de sluicing*: $F(1,14) = 32,2$ $p < .00001$ (cf. Gráfico 1); *Tipo de verbo*: $F(1,14) = 13,1$ $p < .003$ (cf. Gráfico 2). O *tipo de relativa* não acarretou efeito significativo, o que leva a crer que falantes de PB aceitam, de forma equivalente, relativas padrão e cortadora.

O efeito de *ocorrência de sluicing* revela que os falantes de PB julgam como mais aceitáveis as sentenças relativas com presença de *sluicing*, como se pode ver abaixo:

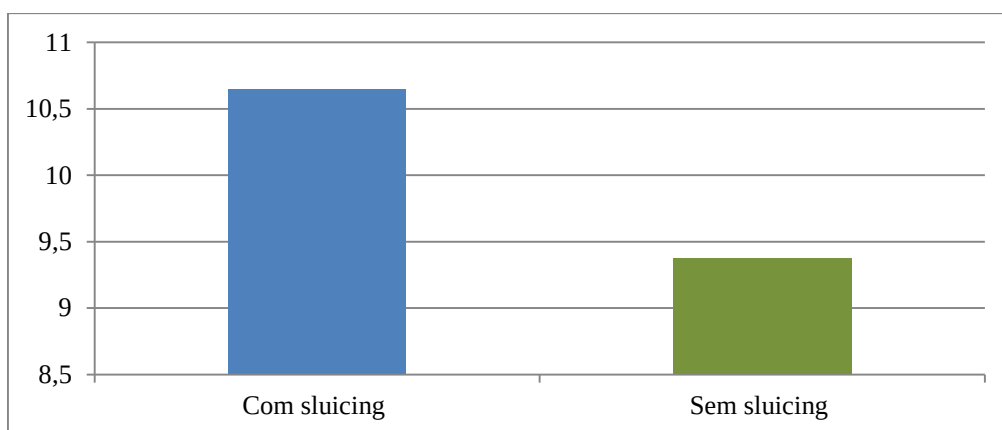


Gráfico 1 - Média das respostas relativas ao julgamento de gramaticalidade em função da ocorrência de sluicing

O efeito de *tipo de verbo* indica que verbos de ação são, em geral, mais aceitos do que verbos estativos. Observe:

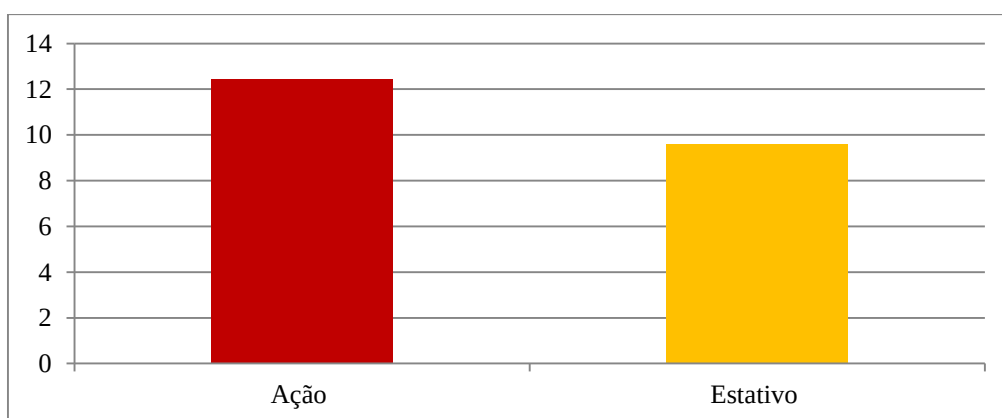


Gráfico 2 - Média das respostas relativas ao julgamento de gramaticalidade em função do tipo de verbo

Houve, ainda, efeitos significativos da interação entre *Tipo de Relativa* e *Sluicing*: $F(1,14) = 17,4$ $p < .0001$ (cf. Gráfico 3); *Tipo de Relativa* e *Tipo de Verbo*: $F(1,14) = 4,70$ $p < .05$ (cf. Gráfico 4); *Sluicing* e *Tipo de Verbo*: $F(1,14) = 35,2$ $p < .00001$ (cf. Gráfico 5).

O efeito da interação entre *tipo de relativa* e *ocorrência de sluicing* reflete que relativas cortadoras sem *sluicing* não são bem aceitas, sendo que, nas relativas padrão, não houve diferença significativa entre sentenças com e sem *sluicing*. Veja:

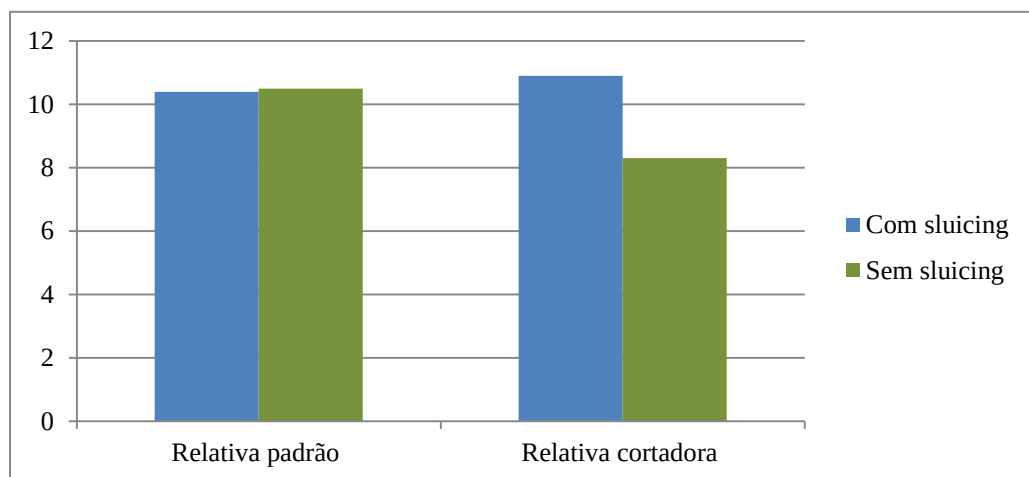


Gráfico 3 – Média das respostas relativas ao julgamento de gramaticalidade em função do tipo de relativa e ocorrência de sluicing

O efeito da interação entre *tipo de relativa* e *tipo de verbo* demonstra que verbos estativos não são bem aceitos com relativas cortadoras. Veja abaixo:

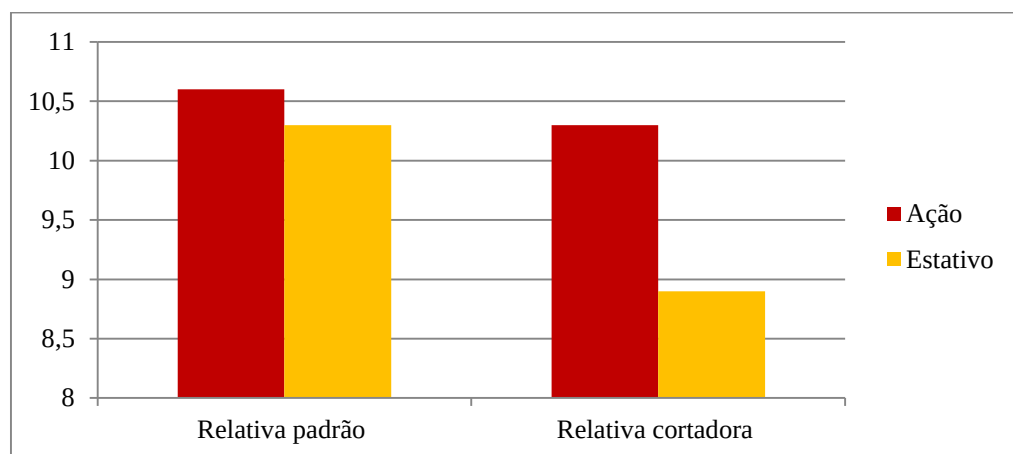


Gráfico 3 - Média das respostas relativas ao julgamento de gramaticalidade em função do tipo de relativa e do tipo de verbo

O efeito da interação entre *ocorrência de sluicing* e *tipo de verbo* indica que verbos estativos não são bem aceitos com sentenças sem *sluicing*, como podemos observar no gráfico abaixo:

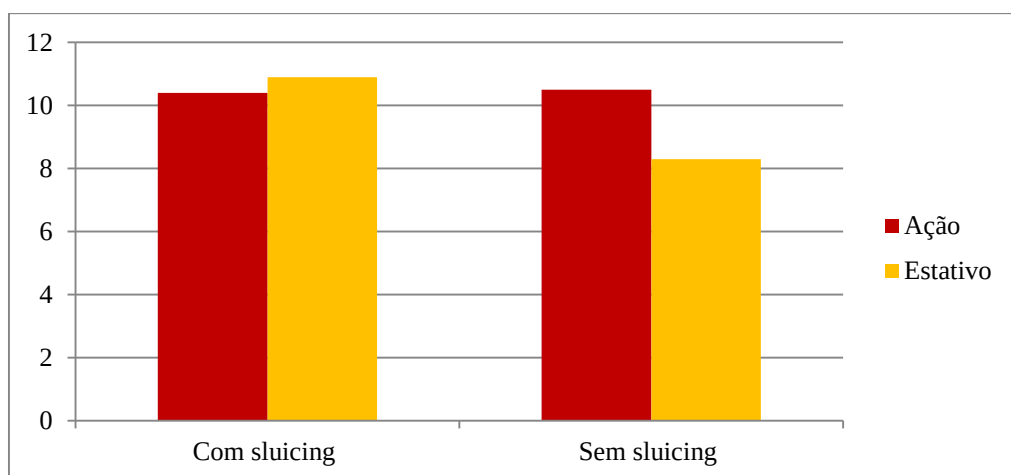


Gráfico 4 - Média das respostas relativas ao julgamento de gramaticalidade em função do tipo de verbo e ocorrência de sluicing

Como veremos na próxima seção, os dados aqui expostos se mostraram compatíveis com nossa hipótese e suas previsões.

4.1.4 Discussão

Os resultados do experimento, apresentado acima, trazem algumas importantes contribuições para o entendimento do comportamento sintático-semântico das estruturas com *sluicing*. Esses dados indicam que, em estruturas relativas no PB, há uma preferência pelo apagamento em detrimento da repetição do sintagma de tempo, fato que pode estar associado à proposta da Penalidade do Nome Repetido (Gordon et al., 1993). De acordo com essa proposta, retomadas com pronomes são mais preferidas se comparadas a retomadas com DP's completos. Do mesmo modo, poderíamos supor que a preferência pelo *sluicing* em detrimento da repetição do TP ocorre porque há uma preferência por não repetir informação que já foi dada, ou seja, prefere-se não repetir traços formais já interpretados, com representação semântica já construída. Poderíamos argumentar, ainda, que as estruturas com *sluicing* são mais facilmente processadas em relação a estruturas sem *sluicing*, assim como retomadas com pronomes são mais facilmente processadas do que retomadas com nomes repetidos, como propõe Gordon et al. (1993), com a Penalidade do Nome Repetido.

Além disso, os resultados experimentais aqui obtidos estão em consonância com o que afirma Yoshida et al. (2012), segundo o qual sentenças com *slui-*

cing são, em geral, mais aceitas, pois facilitam o processamento de sentenças com elemento interrogativo deslocado. O objetivo principal de Yoshida et al. (2012) é oferecer suporte à alegação de que o processador sintático (*parser*) é munido de um mecanismo que possibilita a previsibilidade da estrutura sintática durante o processamento da sentença, como mostram Altmann & Kamide (1999), Kamide et al. (2003a e b), Staub & Clifton Jr. (2006), Philips (2006), Wagers & Philips (2009), Lau et al. (2006), dentre outros. Para isso, é conduzido um experimento de leitura automonitorada, no qual são utilizadas construções que favorecem a ocorrência de *sluicing*, no inglês. Esse experimento é suplementado por outros três experimentos *off-line*: dois de classificação de aceitabilidade e um de completar sentenças. Os resultados desses experimentos mostram que o processador sintático é capaz de projetar uma estrutura sintática quando diante de um elemento –QU potencialmente compatível com uma estrutura de *sluicing* iminente. Além disso, descobriu-se que a construção dessa estrutura de *sluicing* se inicia no momento em que aparece o elemento –QU, quando estão disponíveis tanto uma estrutura elíptica quanto uma não elíptica (cf. exemplo (131 a e b)). Essa descoberta sugere que o processador sintático é capaz de construir uma estrutura antecipadamente (o que favorece a abordagem estrutural das elipses) e que a estrutura com *sluicing* é a primeira opção dos leitores, quando esta é possível.

(131) John told some stories, but we couldn't remember *which story* ...

a. [_{TP} ~~John told~~]

b. Mary was so impressed with (Yoshida et al., 2012).

O exemplo (131) mostra que o processador sintático se defronta com uma ambiguidade no ponto em que se encontra o elemento –QU (*which story*). Nesse momento, há duas possibilidades em potencial: a sentença pode tanto terminar com o elemento –QU, como em (131a), que é a interpretação elíptica, ou continuar como em (131b). O que o experimento de Yoshida et al. (2012) mostra é que, nesses casos, a estrutura com *sluicing* é preferida.

Os resultados de nosso experimento se mostram de acordo com o que o mostra o experimento de Yoshida et al. (2012), já que o efeito de *ocorrência de sluicing* revela que os falantes de PB julgam como mais aceitáveis as sentenças relativas com presença de *sluicing*.

Além disso, os resultados e os efeitos observados e apontados acima se mostraram compatíveis com nossa hipótese de trabalho, ou seja, o *sluicing* com preposição enclivada está relacionado à possibilidade de relativas cortadoras na língua. Diante disso, podemos afirmar que o enclivamento de preposição no *sluicing* e o apagamento de preposição em estruturas sem *sluicing* são fenômenos que estão, pelo menos, inter-relacionados.

Outra questão importante que o experimento apresenta está relacionada à questão da identidade requerida entre o sítio elidido e seu antecedente. A hipótese de *pseudosluicing* coloca em cheque a exigência de identidade sintática, já que a estrutura presente no sítio elidido não é sintaticamente idêntica à estrutura da primeira oração. Desta forma, depreende-se que a condição de identidade que se requer entre o sítio elidido e seu antecedente é de ordem semântica e não sintática, como já propôs Chung (2013) e como parece apontar nosso experimento. O argumento em favor da identidade semântica se mostra mais plausível quando diante do pressuposto de que não se espera que haja relação anafórica de ordem sintática entre orações coordenadas, uma vez que a conjunção *mas* representa uma fronteira oracional. Assim, como as estruturas com *sluicing* são classificadas como orações coordenadas e não se espera que haja entre estas relação anafórica de ordem sintática, é mais provável que o que permaneça na memória seja a representação semântica. Isso porque, uma vez que o processador sintático encontra a fronteira, representada pela conjunção *mas*, e inicia o processamento da segunda oração, a representação semântica é construída e armazenada na memória e não se tem mais acesso imediato à forma, ou seja, a representação semântica se encontra mais acessível do que a forma (Frazier & Flores d'Arcais, 1989; Frauenfelder et al., 1980; Frazier et al., 1983; dentre outros). Logo, como não se tem acesso direto à forma, poderíamos argumentar que a exigência de identidade seria de ordem semântica e não sintática, que é o que parece apontar o experimento.

Finalmente, os resultados aqui apresentados são compatíveis com os dados que serão apresentados na próxima seção, em que mostrarei que o apagamento da preposição em estruturas que não envolvem relativas não é permitido, o que reforça, mais uma vez, a ideia de que o enclivamento de preposição no *sluicing* e o apagamento de preposição em estruturas sem *sluicing* são fenômenos relacionados e que o *sluicing* no PB pode ser entendido como um caso de *pseudosluicing*.

4.2

Não apagamento de preposição em outros contextos de elisão

A generalização de Merchant prevê que uma língua só permitirá o encahlamento de preposição em sentenças com *sluicing* caso essa língua licencie o encahlamento da preposição em perguntas simples.

Almeida & Yoshida (2007), em sua análise do fenômeno *sluicing* no português do Brasil, opõem-se à afirmação de Merchant (2001), uma vez que o PB é uma língua que não admite encahlamento de preposição em sentenças –QU simples, mas o permitem em casos de *sluicing*. O argumento de Almeida & Yoshida é que o *sluicing* no PB e o *sluicing* no inglês possuem algumas propriedades em comum. Por esse motivo, os autores entendem ser o PB um contraexemplo à generalização proposta por Merchant (2001). Para sustentar essa hipótese, os autores apresentam várias evidências, que estão replicadas no terceiro capítulo desta dissertação.

Em análise posterior, também considerando o PB, Rodrigues et al. (2009) chegam a uma interessante conclusão: os dados apresentados por Almeida & Yoshida (2007) e a generalização de Merchant não são inconciliáveis, ou seja, a generalização de Merchant pode sim ser aplicada ao português brasileiro. De acordo com os autores, as evidências contrárias à generalização de Merchant apresentadas por Almeida & Yoshida (2007) são ilusórias e não conta de explicar o *sluicing* de forma completa. O argumento de Rodrigues et al. (2009) é que o *sluicing* no PB é um caso de *pseudosluicing* e que esta é a causa subjacente para o encahlamento de preposição nas estruturas com *sluicing*. Rodrigues et al. (2009) argumentam, ainda, que, no PB, o encahlamento da preposição no *sluicing* e o apagamento da preposição de dentro de orações relativas são fenômenos relacionados. Essa hipótese foi testada e confirmada por nós no experimento reportado acima.

Portanto, a partir das conclusões a que chegam Rodrigues et al. (2009), confirmada por nosso experimento, podemos afirmar que quando houver apagamento da preposição em estruturas que não sejam orações relativas, o encahlamento da preposição não será possível. Em vista disso, depreende-se que casos de elipse de VP, elipse de NP e despojamento (brevemente apresentados em nosso capítulo 2) não licenciarão o encahlamento da preposição, pois que, em nenhum

desses tipos de elipse encontramos um ambiente estrutural favorável à ocorrência de sentenças relativas.

(132) Elipse de NP

- a. João visitou a irmã do Pedro e você a do Fernando.
- b. *De quem que João visitou a irmã e o Fernando você?

Como podemos ver (cf. (132b)), a testagem de nosso argumento não é possível em estruturas com elipse de NP porque esse tipo de estrutura, que envolve coordenação, não possibilita movimento –QU com ou sem encalhamento de preposição.

Vejamos, agora, a elipse de VP e despojamento:

(133) Elipse de VP

- A: Pedro vai dançar com a Carla na sexta.
- B: E com quem você vai?
- C: *E quem você vai?

(134) Despojamento

- a. João dançou com alguém, mas com você não ____ [João dançou].
- b. João dançou com alguém, mas com você não ____ [*João dançou com].

Veja que em (133) e (134), o apagamento da preposição não é permitido. Nossa hipótese é que isso ocorre porque tanto a elipse de VP como o despojamento não envolvem estruturas relativas.

Repare que, nos casos de despojamento (exemplo (134)), o apagamento da preposição em (134b) não permite que *você* seja interpretado como objeto do verbo *dançar*, já que, nesse contexto a correta interpretação da sentença é *João dançou com alguém, mas você não dançou com ninguém*. Portanto, podemos afirmar que a sentença *João dançou com alguém* não pode ser tomada como antecedente do sítio elidido. Em (134a), pelo contrário, *você* é objeto do verbo *dançar* e, por isso, a interpretação correta da sentença é *João dançou com alguém, mas com você João não dançou*. Desta forma, a leitura do sintagma *João dançou com alguém* como antecedente do sítio elidido está correta.

Portanto, a partir dos dados listados acima, podemos afirmar que o apagamento da preposição não é licenciado em contextos de elisão que não envolvem relativas. Essa descoberta corrobora nossa hipótese de que o encalhamento da preposição no *sluicing* do PB está relacionado à possibilidade de apagamento de preposição de dentro de relativas nesta língua. Isso porque, como nosso experimento mostra, o *sluicing* envolve uma estrutura relativa.

O importante, aqui, é observar que a proposta de Almeida & Yoshida (2007) não explica porque o encalhamento de preposição ocorre apenas no *sluicing*. Se a elipse é o que licencia o apagamento da preposição nestes casos, então deveríamos esperar, contrariamente aos fatos, que o mesmo ocorresse em outros contextos de elisão, como elipse de VP e de despojamento. A proposta de Rodrigues et al. (2009), ao contrário, prevê corretamente que encalhamento de preposição seguido de apagamento de preposição ocorre apenas em casos de *sluicing*.